

Análise das conseqüências da produção cafeeira do século XIX na conjuntura econômica contemporânea do interior paulista, Brasil.

**Elisa Carlos Pereira
Carlos Eduardo de Freitas Vian
Odaléia Teles Queiroz**

elisaecp@yahoo.com.br, cefvian@esalq.usp.br, odaleiaq@terra.com.br
Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ) - Universidade de São Paulo (USP).
Av. Pádua Dias, 11 Cx. Postal 9 CEP: 13418-900 Piracicaba, SP, BR. Tel: (5519) 3417-8700

Tema: Patrimônio do café.

Palavras-chave: café, século XIX, Itatiba.

Introdução

Esse trabalho tem como objetivo verificar a influência da produção cafeeira do século XIX na conjuntura econômica contemporânea do município de Itatiba, localizado na Depressão Periférica no interior do Estado de São Paulo (Brasil), através de revisão bibliográfica e estudo de caso.

Segundo Szmrecsányi (1990), o café modificou o cenário nacional e regional, desenvolvendo infra-estrutura, urbanização, industrialização e consolidando a importância política da região sudeste. Com a vinda dos imigrantes italianos para trabalhar na lavoura de café ampliou-se a renda per capita do Estado e conseqüentemente o mercado consumidor, que demandando novos produtos incentivou o desenvolvimento econômico da região.

O café foi introduzido no município de Itatiba em 1850 e poucos anos depois já estava produzindo cerca de 200.000 arrobas de frutos. Durante as duas primeiras décadas do século XX, o município respondia por 5% da produção de café do estado. Em 1930, com o declínio da produção, estabeleceu-se o setor secundário, crescendo cada vez mais até descaracterizar o município como agrícola e torná-lo industrial.

Hoje 54% das propriedades rurais localizadas no município possuem traços da produção cafeeira e dessas, 49% ainda realizam alguma atividade ligada às origens: Turismo em Espaço Rural ou ainda continuam no cultivo da espécie. Para conhecer a fundo as características das atividades consideradas, realizou-se entrevistas com os proprietários de duas das fazendas catalogadas.

O Turismo em Espaço Rural (TER) é uma alternativa para a elevação da renda da propriedade que por necessitar do objeto preservado garante sua conservação. Porém

as iniciativas de preservação são individuais, necessitando buscar novas formas de apoio do governo e de ações coletivas.

Metodologia.

Esta pesquisa foi dividida em duas etapas: levantamento bibliográfico e estudo de caso. Focou-se na busca de informações sobre a importância da produção cafeeira na conjuntura econômica do país, da região e do município da segunda metade do século XIX até os dias atuais em anuários e instituições governamentais de pesquisa: IBGE, IPEADATA, ALICEWEB, Museu “Padre Lima” (Itatiba-SP) etc.

Na segunda parte realizou-se estudo de caso. Verificou-se o número de propriedades rurais do município de Itatiba. Dentre estas, escolheu-se, para aplicação de estudo de caso, duas fazendas que tenham sido, por hipótese, relevantes na produção cafeeira do século XIX e que possuíssem atualmente referências arquitetônicas desta época.

Verificou-se dentre as atividades das fazendas, através de entrevistas semi-estruturadas: a influência da antiga produção cafeeira; a participação da produção da fazenda no volume total estadual do século XIX ao atual; e finalmente as atividades alternativas economicamente viáveis de exploração dos recursos existentes.

Revisão Bibliográfica

Conjuntura econômica nacional da segunda metade do século XIX até o início do século XXI.

Szmrecsányi (1990) afirma que a partir do início do século XIX até metade deste mesmo século, o ciclo do café modificou o cenário nacional e regional, desenvolvendo infra-estrutura, urbanização, industrialização e consolidando a importância política da região sudeste. Bacha (2004) divide a cafeicultura brasileira em quatro fases: primeira fase: 1727 a 1810; segunda fase: 1811 a 1870; Terceira fase: 1871 a 1896; Quarta fase: 1897 a 1929.

Durante os 83 anos da primeira fase, o café passou por vários estados do litoral brasileiro, em busca da compatibilidade edafoclimática entre a espécie e o local. Foi somente em 1811, que o café, finalmente, se adaptou em terras cariocas. Segundo Bacha (2004) este é o marco com o qual se inicia a segunda fase do café. Após ocupar todo o estado carioca o café alcançou o estado de São Paulo (Vale do Paraíba) e Minas Gerais. Nos anos seguintes, até 1818, a produção nacional

aumentou em 300 vezes. Szmrecsányi (1990) afirma que em 1820, o café ocupava o terceiro lugar na pauta das exportações do Brasil, em 1840, segundo Silva (1976) o café já era o principal produto e na década de 1860, o país tornou-se o produtor de cerca de 50% do café mundial.

O crescimento expressivo que ocorreu na segunda fase deve-se, de acordo com Bacha 2004, (pág. 111) e Furtado (1989): ao grande aumento na demanda mundial de café na Europa e EUA, devido ao considerável aumento do número de indústrias, cujos trabalhadores com altas cargas horárias de trabalho necessitavam de bebidas estimulantes; ao colapso da mineração em Minas Gerais, o que liberou mão de obra, para atividade de pecuária e agricultura. Os autores ainda citam: a boa aceitação do cafeeiro às condições edafoclimáticas; aos mercados com preços baixos para os principais produtos de exportação da época e finalmente à transferência da Corte Portuguesa para RJ, que incentivou o plantio, através de doações de sementes por Dom João VI.

Para o estudo em questão a terceira fase é a mais importante, segundo Szmrecsányi (1990), este período caracteriza-se pelo deslocamento do centro dinâmico da cafeicultura do Rio de Janeiro para São Paulo, em especial para a Depressão Periférica, cujas condições ambientais para o cultivo eram ainda mais propícias; a topografia menos acidentada permitia aumentar a escala de produção, o que gerava rendimentos maiores por pessoa e por hectare. Os cafeicultores da região, também eram mais ambiciosos e combativos, e principalmente mais abertos às inovações tecnológicas.

Com o aumento da escala de produção, a necessidade de mão de obra na região, cresceu expressivamente. Os escravos cada vez mais escassos deixaram de ser uma alternativa economicamente viável. A imigração foi a solução das Instituições Governamentais. Segundo Szmrecsányi (1999) o uso de mão de obra assalariada dos imigrantes facilitou a ampliação do mercado consumidor, já que a renda per capita média do país cresceu expressivamente, como coloca Furtado (1989): de U\$ 50,00 no início para U\$ 106,00 no final do século XIX.

Bacha (2004) cita ainda mais alguns elementos importantes que ocorreram na terceira fase: a exportação de café ampliou a entrada de divisas internacionais no país proporcionando o financiamento direto da importação de infra-estrutura para a instalação de parques industriais de bens de consumo não-duráveis; bem como o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para a produção cafeeira, trata-se da primeira iniciativa política tomada dentro do país e pelo país, não mais pela metrópole.

A quarta fase caracteriza-se por uma superprodução que levou à decadência de grande parte dos produtores e pela interferência direta do Estado. Greenhill (1992) coloca que em 1909, o Brasil passou a produzir 76% do café mundial e permaneceu nesta média durante toda a década de 1910. Diante das constantes supervalorizações que ocorreram desde 1890 até 1930, Bacha (1992) coloca que o Estado interviu em resposta às pressões dos agricultores, criando instituições e órgãos governamentais, a fim de estabilizar o preço sempre em decadência do produto. São exemplos: o Convênio de Taubaté, em 1906; a criação do Instituto Brasileiro do Café, entre outros. A partir de 1930 até 1980, o que poderia ser chamado de quinta fase do café, Delgado (2002) conceitua-a como a história da industrialização brasileira. “Foi meio século de urbanização e crescimento industrial acelerado, e também de transição de uma economia agrário-exportadora pra o modelo de economia industrial-retardatária, o que gerou uma agricultura adaptada às pressões da demanda econômica, mas ainda assim profundamente heterogênia, social e regionalmente”. Saes (1986) coloca que as condições para o surgimento da indústria estabelecem-se com o desenvolvimento da economia cafeeira: abolição da escravidão, a entrada de imigrantes como trabalhadores livres, monetarização da economia etc.

No final do século XX e início do século XXI, Saes (1999) citando Lago (1996) observa que a produção nacional desde 1968 não ultrapassou as 25 milhões de sacas de café. A produção nacional de 2003 foi de pouco mais de 18 milhões de sacas.

Conjuntura econômica do município de Itatiba, a partir da metade do século XIX até o início do século XXI.

Segundo Degani (diretor do museu Padre Lima de Itatiba, SP) embora o território Itatibense já fosse povoado em 1786, foi somente na primeira metade do século XIX, é que sua economia se aqueceu. A terra, considerada fértil, era cultivada com cana de açúcar e assim ficou até 1850 quando Ignácio Correia de Lacerda, tropeiro, trouxe para a região os primeiros pés de café.

Veiga (1905) afirma que a região possuía características edafoclimáticas compatíveis com as demandas do café o que fez com que a produção crescesse consideravelmente até 1860. Em 1857, o município de Itatiba já produzia cerca de 200.000 arrobas de café. Considerando que foram exportados via Santos, segundo dados disponibilizados por Greenhill (1992 – pág 389) 223.120 sacas de 60kgs e também que Veiga (1905) referia-se à produção para exportação, então pode-se dizer que o município de Itatiba já era responsável por 22% da exportação via Santos. O

autor cita ainda que a produção de café de Itatiba chegou até o início do século XX, a 600.000 arrobas por safra, ou seja, 9.000 toneladas de café. Bacha (2004, pág 113) coloca que no final do século XIX a produção do estado de SP, alcançava 216.900 toneladas. Itatiba, portanto, respondia por 4,15% da produção Estadual de café.

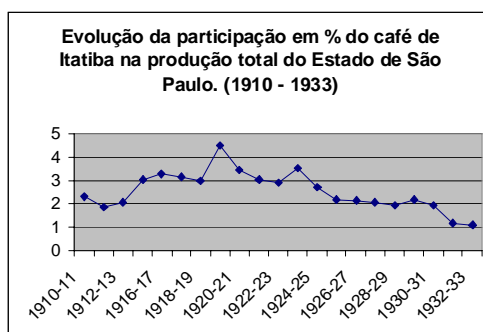
Como a importância econômica cafeeira crescia em todo o país, a demanda por terras férteis era proporcional. Itatiba tornou-se visada e foi ocupada paulatinamente, por uma classe de senhores e agricultores assalariados com necessidades que alavancaram o desenvolvimento de infra-estrutura municipal; do setor secundário e terciário. Segundo Degani, a energia elétrica e o telégrafo são instalados em Itatiba em 1878 quando já havia no município 78 estabelecimentos comerciais. Poucos anos mais tarde, em 1905 os estabelecimentos comerciais eram 251. Além disso, o café necessitava de beneficiamento o que gerou um impulso para a indústria cafeeira. Porém foi só na segunda década do século XX que a indústria aumentou consideravelmente sua importância.

Em 1920, segundo o anuário estatístico de 1934, Itatiba possuía 221 fazendas de café, que produziam 3.630 toneladas de café em 9.002 hectares de área cultivada. Havia nessa área cerca de 7.201.446 cafeeiros e sua produção se estabiliza em 268.000 sacas de 60 kg por safra. A época áurea começa a se desestabilizar 10 anos mais tarde, com as sucessivas crises cafeeiras.

“Em fins da década de 1930, os fazendeiros eram obrigados a entregar 30 por cento da sua colheita para o governo, para serem destruídos (a quota de sacrifício), e mais 40 por cento a um preço fixo. O restante poderia ser oferecido no mercado aberto, sob certas restrições, relativas a portos de embarque e controles cambiais. Passou-se a cobrar impostos de exportação para cobrir os custos administrativos, resgatar adiantamentos aos fazendeiros e reembolsar empréstimos anteriores sobre o café. (...) Proibiram-se novos plantios e aplicou-se um rigoroso processo de classificação. As políticas visavam manter os preços a um nível que permitisse lucros para as fazendas melhor administradas.” (Greenhill, 1992 pág 242)

Como pode ser visto na figura abaixo, a participação da produção cafeeira de Itatiba no total do Estado de São Paulo entra em queda desde a segunda metade da década. Até 1930, este fato ocorre devido ao aumento da produção do restante do estado. E a partir de 1930, pela diminuição da produção municipal somada ao aumento do restante do estado.

Figura 1. Evolução da participação em % do café de Itatiba na produção total do Estado de São Paulo.



Fonte: Anuário Estatístico de Café, Museu Histórico de Itatiba. Realização dos autores.

Em 1929 muitos fazendeiros foram à falência, com isso Itatiba foi invadida por especuladores que tomaram as terras dos agricultores endividados. Foi nesse momento que a maioria das fazendas foram redivididas. Mesmo com evidente decadência, foram necessários alguns anos, para que a resistência intrínseca dos Itatibenses fosse quebrada e o município mudasse seu foco, ainda em 1942, segundo o anuário estatístico de 1943/44, nas 227 propriedades produtoras de café, em 2.298 alqueires de café, havia 1.898.150 cafeeiros. Desses 385.500 tinham entre 8 a 20 anos, 749.827 entre 20 a 40 anos e finalmente 762.823 com mais de 40 anos. De todos os pés, 17.250 encontravam-se abandonados.

A participação da indústria no valor adicionado total do município de Itatiba, aumenta gradualmente a partir de 1947, passando de 20% para 40% na década de 1990 (IBGE cidades), desde então o município pode ser considerado industrial. Segundo dados do IBGE, o PIB a custo de fatores do município de Itatiba, no ano de 2003 foi de R\$ 910.311.730,00. O valor adicionado pelo setor agropecuário (R\$ 36.879.000,00) é o menos representativo, cerca de 4,5% da soma dos valores adicionados pelos três setores. Já o setor industrial com 57,2% do total é o mais representativo: R\$ 472.993.390,00. Finalmente o setor de serviços que responde por 38,4%, com R\$ 317.445.760,00.

Portanto as principais fontes de divisa pro município são, hoje, certamente a indústria e os serviços. No setor industrial o município se destaca, dentre as 55 indústrias catalogadas por Sanfins (2002), pela produção têxtil (desde a metade do século XX); metalurgia e química. Em relação ao setor de serviços, o comércio de moveis é reconhecido nacionalmente.

Considerando a agricultura, a fruticultura é o tipo de cultivo mais importante. Segundo Rocha (2006) a "Região Sudeste é responsável por 55% da produção frutícola nacional, fato atribuído a dois fatores, o primeiro diz respeito à sua tradição em

fruticultura e o segundo à proximidade com os maiores centros de consumo do espaço nacional.” A fruticultura no município responde por 33% do PIB agrícola. O caqui é a fruta que se sobressai, em 2003 esta fruta respondeu por aproximadamente 19% do total da fruticultura municipal. (IBGE cidades).

A fruticultura pode ser um recurso para exploração do Turismo em Espaço Rural. O que já é institucionalizado na região, através da política estatal de criação do Circuito das Frutas, território de 10 municípios produtores de frutas e de agroturismo. Pereira (2006) verificou que a região do Circuito das Frutas e também São Paulo e Campinas possuem um mercado consumidor potencial de R\$7.483.027,00 para gastos em atividades relacionadas ao Turismo Em Espaço Rural. Esse montante equivale a 4% do potencial total do país.

Em relação à produção atual de café, segundo dados do IBGE, em 2003 o município produziu 11.000 sacas de 60 kg ou 623 toneladas de café em grãos. Nesse mesmo ano o país produziu 1.970.000 toneladas de café em grão. O que significa que o município foi responsável por menos de 0,1% da produção nacional. Considerando a produção do estado de São Paulo, que representa cerca de 15% da produção nacional, o município contribui com 0,3% do volume. O café é o sexto produto com maior participação em volume de produção no município, e seu valor corresponde a 2,7% do valor adicionado pela agropecuária no ano de 2003 com 625 toneladas. Estas foram produzidas em 5 fazendas, segundo levantamento de Sanfins (2002). Estas fazendas ainda possuem a infra-estrutura total ou parcial da produção cafeeira do século XIX.

Sanfins (2002) levantou as propriedades rurais existentes em 2002 no município de Itatiba. Foram identificadas 41 propriedades, dessas 22 ou 54% possuem ainda parte da infra-estrutura da produção do café do século XIX. Foi possível verificar que destas 22 fazendas, 22% ainda produzem café, enquanto 27% utilizam a infra-estrutura para exploração de Turismo Em Espaço Rural. Logo, pode-se dizer que 49% das fazendas sobrevivem efetivamente devido à exploração dos recursos herdados do século XIX.

Dentre as 22 fazendas consideradas, foram escolhidas 2: Fazenda Nossa Senhora da Conceição e Fazenda Cachoeira. A primeira foi a maior produtora de café no século XIX e ainda o produz e realiza turismo rural há aproximadamente 10 anos. A segunda apoiou consideravelmente a produção de café no século XIX, embora não o produza mais, conservou toda a infra-estrutura e procura alternativas viáveis para entrar no ramo de Turismo em Espaço Rural.

Estudo de Caso

Fazenda Nossa Senhora da Conceição

A fazenda pertencia a Francisco José da Conceição que em 1871, foi condecorado como Barão de Serra Negra por Dom Pedro II, foi comprada em 1810. Havia 3.000 alqueires com 350 mil pés e produtividade de 30 arrobas por alqueire. A produção média da propriedade era de aproximadamente 90.000 arrobas por safra. Considerando a produção média da segunda metade do século XIX de 400.000 arrobas de café, é possível observar que a fazenda já foi responsável por 22,5% da produção do município.

Em 1929 com as sucessivas crises do café a fazenda começou a diversificar a produção, introduzindo a vitivinicultura com a tecnologia proveniente dos imigrantes italianos, no lugar dos 120 escravos anteriores. Em 1980 a Fazenda para de produzir café e uva e permanece abandonada até 1996 quando o atual proprietário, agrônomo, herda da família e como representante da quinta geração, retoma as atividades produtivas. Hoje a Fazenda possui menos de 1,5% da área original, mas ainda preserva a infra-estrutura original.

Possui 1,5 hectare de área de café orgânico (100% arábica), porém não certificado. São 6 mil pés de café, com produtividade de 1.500 a 2.000 kg de frutos por ha. O produto é beneficiado na própria fazenda utilizando os equipamentos da época, resultando em 8 a 12 sacas de café beneficiado. Considerando dados do IBGE cidades o município de Itatiba produz cerca de 3.460 sacas de café beneficiado. Logo a participação da Fazenda, continua expressiva com cerca de 0,5% do total.

O atual proprietário do empreendimento e administrador da fazenda adotou a diversificação das atividades na propriedade. Sabendo dos riscos referentes às intempéries o proprietário escolheu continuar produzindo mesmo que simbolicamente café, porém orgânico e com tecnologia de cultivo contemporânea e introduzir na propriedade atividades de Turismo em Espaço Rural.

Foram listadas as seguintes atividades realizadas na fazenda, categorizadas pela Associação Brasileira de Turismo Rural (ABTR): turismo rural (passeio a cavalo, restaurantes e hospedagem), turismo ecológico (trilhas), turismo histórico (visitas pedagógicas), além de turismo urbano em espaço rural (confraternizações empresariais).

Considerando as informações disponibilizadas pelo proprietário, estimou-se seus custos e calculou-se a rentabilidade (receita – custos totais) de todas as atividades da

Fazenda. Foram considerados nos custos da produção de café orgânico: adubação de compostagem, controle alternativo de pragas e daninhas, mão de obra diarista para colheita, gasolina e sacarias e manutenção de maquinários. A rentabilidade proveniente da produção de café não seria suficiente para a quitação dos custos fixos da cultura e da propriedade: mão de obra administrativa, depreciação de maquinários e benfeitorias, marketing.

Considerando a rentabilidade do turismo rural isolado: hospedagem e restaurante, os custos fixos seriam pagos, porém o montante que restaria para investimentos na área seria irrisório. O turismo Histórico-Cultural da maneira com que é realizado na Fazenda é a alternativa mais rentável. 50% da rentabilidade proveniente da atividade já é suficiente para bancar os custos fixos e ainda sobrar 50% para a família.

Dessa forma, como todas as atividades são realizadas ao mesmo tempo tem-se que de toda a rentabilidade da propriedade: 60% é proveniente do Turismo Histórico-Cultural, 36% do Turismo Rural e finalmente 4% da produção de café. Em todos os cálculos de contabilidade não foram considerados o pagamento pela mão de obra do proprietário.

Fazenda Cachoeira

Em 1895, a Fazenda Cachoeira, assim denominada devido à presença de pequenas quedas d'água, era propriedade de Benedito Crispim quando foi implantado o cultivo de café e construídas as benfeitorias do local. Havia na época, 400 alqueires com 46 mil pés de café que produziam aproximadamente 12.000 arrobas de café. Considerando a média de produção de Itatiba no início do século XX de 350.000, a fazenda era responsável por 3,5% da produção municipal da época.

Quando foi comprada em 1939 por Humberto Checchinato, toda a produção cafeeira já se encontrava abandonada. Parte da infra-estrutura, principalmente o maquinário de beneficiamento do café foi doado pelo novo dono. A área passou então à criação de gado de corte. Na década de 1980, com a sua toda a área foi dividida entre parentes próximos. Restando ao neto de Checchinato: 6 alqueires, contendo a sede da Fazenda. Como arquiteto, restaurou toda a sede, que havia sido destruída anos antes, respeitando a planta e na medida do possível as características originais da casa. Desde então tornou-se casa de férias da família.

Durante a década de 1990, a fazenda foi alugada para clipes, comerciais e matérias de revistas, fatos que embora com periodicidade irregular, auxiliavam nos custos da propriedade. Quando em 2003, a propriedade foi herdada pelos atuais donos: terceira

geração da família verificou-se os altos custos de manutenção e decidiu-se a implantação de agricultura de pequeno porte.

Contratado agrônomo observou-se a viabilidade técnica de algumas culturas e decidiu-se a plantação de abobrinha decorativa em 8.000 m² agriculturáveis, cuja rentabilidade é suficiente para custear parte dos custos fixos anuais. Devido ao risco eminente de ação de intempéries, buscou-se alternativas que conservassem o patrimônio, então tombado em 2001. Hoje estuda-se a implantação de Turismo em Espaço Rural (TER). Pereira (2005) levantou as características da fazenda, verificando os tipos de TER possíveis de serem explorados: Turismo rural, agroturismo, Turismo histórico, ecológico, turismo de grupos. Em 2006, a autora verificou a viabilidade econômica das atividades potenciais, do qual se conclui que o turismo de grupo é a melhor opção, diante dos recursos financeiros disponíveis pelo proprietário. Verifica-se que as duas atividades se realizadas paralelamente diminuem os riscos da sazonalidade do turismo e da ação das intempéries na agricultura.

Conclusão

O desenvolvimento econômico e social de Itatiba, bem como do interior de São Paulo, foi influenciado direta e indiretamente pela produção cafeeira, desde a metade do século XIX. Hoje, embora mais timidamente, ainda há traços da antiga produção que interferem positivamente na conjuntura econômica atual. Seja através da continuação do cultivo de café ou da exploração da infra-estrutura com turismo, 49% das fazendas localizadas na zona rural do município sobrevivem da exploração da infra-estrutura produtiva do século retrasado.

São evidências da influência do ciclo do café na conjuntura econômica contemporânea do município de Itatiba: a preocupação seja individual ou coletiva com a preservação do patrimônio histórico da época; a preocupação com a realização de atividades de geração de renda que não danifiquem o patrimônio bem como apoiem financeiramente sua preservação; a busca pela divulgação de parte da história do município, bem como do país, através de visitas às fazendas; o desenvolvimento da indústria e do comércio oriundos dos primeiros impulsos dados pelo ciclo do café.

Bibliografia:

Bacha, C.J.C. **Economia e Política Agrícola no Brasil** 2ed. São Paulo, SP: Editora Atlas, 2004.

- Bacha, E. 150 anos de café. In: **Marcellino Martins & E. Johnston: 150 anos de café** Greenhill, R e Bacha, E. (org) São Paulo: Imprinta gráfica e editora, 1992. 391p.
- Benhamou, F. **L'économia della cultura** 2ed. Paris, La Découverte, 2000. 166p. Traduzione di Bárbara Amici. Società editrice il Mulino, Bologna.
- Boteon, M e Braga, D. Analise Econômica Mensal de agosto de 2006 In: **Boletim Informativo – café arábica** Cepea – Esalq/USP (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz / Universidade de São Paulo). Disponível em: www.cepea.esalq.usp.br Acesso em 27 de setembro de 2006.
- Bueno, R **Um estudo deste fenômeno até as décadas de 1950/1960 no município de Jundiaí**. Monografia IV apresentada no curso de economia e administração da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação do professor: João Idelbrando Bocchi., 1990 in CD-Rom.
- Campanhola, C. e Silva, J.G. **Panorama do Turismo no Espaço Rural brasileiro: nova oportunidade para o pequeno agricultor**, disponível em site: <www.eco.unicamp.br/rurbano/textos/downlo>, acesso em 15/01/2006.
- Campos, J.B. Texto enviado para o Jornal “O Progresso” de Itatiba em 20 de agosto de 1944, ano 51 n1351. Disponível no acervo do Museu Histórico Municipal: “Padre Francisco de Paula Lima”, por Paulo Henrique; 1916.
- Dencker, A. F.M. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo** 6ed. São Paulo: Editora Futura, 2002. 286p.
- Delgado, G.C. Capital e Política Agraria no Brasil: 1930 – 1980. In: Szmrecsányi, T. e Suzigan, W. (org) **História do Brasil Contemporâneo** 2ed revista, São Paulo, SP: Hucitec, Associação Brasileira de Pesquisadores em História econômica, Editora Da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial, 2002.
- Furtado, C. **Formação Econômica do Brasil** 32ed. Rio de Janeiro: ed Campus, 1989 1v.
- Greenhill. R. Política Brasileira do café – uma avaliação centenária. In: **Marcellino Martins & E. Johnson: 150 anos de café** Greenhill, R e Bacha, E. (org) São Paulo: Imprinta gráfica e editora, 1992. 391p.
- Guimaraens, M.E.B. Os Instrumentos Jurídicos de Proteção ao patrimônio Cultural. Aplicação no meio rural. In: Almeida, J.A. e Souza, M. (org) **Turismo Rural. Patrimônio, cultura e legislação**. – 1ed. Santa Maria: Facos/USFM, 2006. 255p.
- Lambert J. **Os dois Brasis** 10ed. São Paulo: Ed Nacional, 1978 278p.

- Lemos, C.A.C. **O Que é Patrimônio Histórico** 5ed. São Paulo: Ed Brasiliense S.A., 1987 115p.
- Pereira, E.C. e Vian, C.E.F Identificação do potencial Turístico, do mercado consumidor, além das limitações da região de Itatiba para implantação de Turismo Em Espaço Rural (TER). In: **III Seminário ABAR SUL: Agronegócio Brasileiro: Crises e Desafios à universidade** págs: 184 – 197. Curitiba: 2006 CD-ROM.
- Pereira, E.C. Identificação dos tipos exploráveis de turismo em espaço rural em 1 propriedade na região de Itatiba, SP. In: **SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 13.**, 2005. Piracicaba. Anais... Piracicaba: EDUSP, 2005. 1CD-ROM
- Pereira, E.C. e Vian, C.E.F. Comparação de rentabilidade de atividades turísticas e agrícolas realizadas em propriedade rural no município de Itatiba In: **SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 14.**, 2006. Piracicaba. Anais... Piracicaba: EDUSP, 2006. in prelo
- Pereira. E. C. Construções Rurais de imigrantes Italianos no Núcleo Colonial Barao de jundiaí In: Boni, L.A. (org) **A presença Italiana no Brasil vol.II** São Paulo: Ed. Est/Fondazione Giovanni Agnelli, RS: 1990 740p.
- Pereira, E. C. e Filippini, E. **Cem Anos de Imigração Italiana em jundiaí** led. São Paulo: Estudio RO, 1988. 1v.
- Rocha, P et al A fruticultura no Polo Bandeirante: tendencias e perspectivas. In: **III Seminário ABAR Sul, associação Brasileira de Adm Rural – região Sul.** Curitiba, PA, 2006.
- Saes, M. S. M. e Farina, E.M.M.Q. **O Agribusiness do café no Brasil** 1ed. São Paulo, SP: Editora Milkbizz, 1999. v1.
- Saes, F.A.M. **A grande empresa de serviços publicos na economia cafeeira** 1ed. São Paulo: edit. Huctec, 1986 298p.
- Sanfins N. et al **Plano de Desenvolvimento turístico do município de Itatiba** Trabalho da disciplina de Planejamento e Organização do Turismo, do curso de Turismo, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas; sob orientação do prof. José Antonio Scaleante – Campinas, 2002. in CD-ROM
- Silva, J.G et al Turismo em Áreas Rurais: Suas Possibilidades e Limitações no Brasil * Versão revisada do trabalho apresentado no Congresso Internacional sobre “Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável”, realizado em Santa Maria (RS) de 27 a 29 de maio de 1998 e publicado em Almeida, J.; Froehlich, J; Riedl, M., orgs. **Turismo Rural**

e Desenvolvimento Sustentável. Santa Maria, FAPERGS/CNPq/CAPES/SETUR, pp. 11-48.

Silva, S. **Expansão Cafeeira e origens da indústria no Brasil.** São Paulo, SP: Alfa-Omega, 1976.

Szmrecsányi, T. e Ramos, P. O Papel das políticas Governamentais na Modernização da Agricultura Brasileira IN: Szmrecsányi, T. e Suzigan, W. (org) **História do Brasil Contemporâneo** 2ed revista, São Paulo, SP: Hucitec, Associação Brasileira de Pesquisadores em História econômica, Editora Da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial, 2002.

Szmrecsányi, T **Pequena História da Agricultura no Brasil: Do escravismo ao trabalho livre estrutura agraria e relacoes de trabalho para onde vai a agrrcicultura?** 1 ed. São Paulo, SP: Contexto, 1990. v1.

Veiga, S. e Azevedo N. Almanaque de Itatiba para 1916. Tipografado para o **Progresso de Itatiba**, pags 9,10,11 e 12. Disponível no acervo do Museu Histórico Municipal: “Padre Francisco de Paula Lima”, por Paulo Henrique; 1916

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): Cidades, Censo Agrícola. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em 15/05/2006

Dados do Balanço do Agronegócio jan.. 2003. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Disponíveis em: www.agricultura.gov.br Acesso em 27/07/2006

Dados de exportação de café. Aliceweb, disponível em: www.aliceweb.gov.br Acesso em 19/09/2006

Dados dos Anuários Estatísticos de café de 1934 a 1976, organizados pelo departamento Nacional do Café, Seção de Estatística, Rio de Janeiro.

Entrevista realizada com Paulo Degani – diretor do Museu Histórico Municipal: “Padre Francisco de Paula Lima” do município de Itatiba, dia 9 de setembro de 2006.

Visita ao acervo do Museu Histórico Municipal: “Padre Francisco de Paula Lima” do município de Itatiba, dia 25 de agosto de 2006.

Entrevista realizada com Antonio Sestini, Fazenda Nossa Senhora da Conceição, Itatiba – SP, dia 22 de agosto de 2006.

Entrevista realizada com Verônica Sanduvette, Fazenda Cachoeira, Itatiba – SP, dia 15 de agosto de 2006.